



Então o limite chegou. “Começaram a jogar coisas na minha casa. Ovos, sapatos velhos... Passavam gritando xingamentos. Busquei primeiro a polícia, que informou não ter o que fazer já que todos os envolvidos tinham menos de 12 anos. Pedi então para que trocassem minha menina de escola e a diretoria de ensino informou que não havia vaga em outro lugar. Me vi de mãos atadas”, contou Maria. “Peguei então o laudo da psicóloga sobre o estado de saúde mental da minha filha, o relatório das professoras e fui para a justiça. Não havia mais saída. O juiz, graças a Deus, entendeu que algo grave estava ocorrendo. Consegui uma vaga numa outra escola do bairro graças a uma liminar”, revelou.

O tratamento psicológico fez com que os pesadelos noturnos cessassem e a confiança no outro voltasse. Mas a dor daquilo que passou nos primeiros anos da vida escolar permanece. “Hoje minha filha tem 14 anos, continua na escola para a qual foi transferida e conseguiu vencer a barreira do medo e fazer amigos. Ela tem recuperado sua auto-

estima, não me pergunta mais se vai morrer... Mas, às vezes ela fala, da dificuldade de tirar de dentro do peito esses sentimentos ruins que a acompanhou por anos. Eu falo para ela: esquece, filha. Já passou. Mas eu sei o quanto dói”, afirmou Maria.

“Costumo dizer que Laura é uma vencedora. Porque o bullying deixa marcas profundas no ser humano. Vejo que quem pratica na verdade está reproduzindo um tratamento que lhe é dado em casa. Antigamente, as crianças tiravam sarro uma das outras. Hoje, é uma violência física e psicológica. Não há nada de frescura. É algo realmente grave”, conclui.

Silêncios e omissões.

Entre os tantos desafios que já existem na rotina escolar, está posto mais um: bullying, termo ainda pouco conhecido, mas usado para qualificar comportamentos agressivos. “São atos de violência que ocorrem de maneira intencional e repetitiva contra um ou mais alunos que se encontram impossibilitados de fazer frente às